



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

CLEBER ALMEIDA DA ROCHA

**PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE JUNG – A
PROJEÇÃO COMO BARREIRA AO
AUTODESENVOLVIMENTO**

ARIQUEMES - RO

2017

Cleber Almeida da Rocha

**PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE JUNG – A
PROJEÇÃO COMO BARREIRA AO
AUTODESENVOLVIMENTO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em Psicologia.

Profº Orientador: Ms. Ana Claudia Y. Arantes

Ariquemes - RO

2017

Cleber Almeida da Rocha

**PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE JUNG – A
PROJEÇÃO COMO BARREIRA AO
AUTODESENVOLVIMENTO**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em Psicologia da Faculdade
de Educação e Meio Ambiente – FAEMA,
como requisito parcial a obtenção do título
de bacharelado em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientadora Ms. Ana Claudia Y. Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA

Prof. Dr. Roberson Geovani Casarin
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

Ariquemes, _____ de _____ 2017.

Aos meus pais, Mario Rocha e Maria José de Almeida Rocha, minha irmã Juliana de Almeida Rocha, meu Avô Licínio Costa e, a todas aquelas pessoas que nessa jornada me afetaram e me transformaram a cada encontro.

AGRADECIMENTOS

A minha família. Meus pais por serem sempre minha base. Meu pai tendo sempre me incentivado aos estudos e me influenciado com sua curiosidade, sua racionalidade, que me contaminou; a minha mãe que com todo o seu amor e sensibilidade, sempre me apoiou e motivou-me. E ambos por terem garantido todas as condições que necessitei para realizar meus estudos, assim como a paciência que sempre tiveram comigo nos momentos difíceis.

A minha irmã, pelo apoio compreensão e paciência comigo, assim como, seu incentivo.

A minha orientadora, Ana Claudia Yamashiro Arantes, por ter me afetado profundamente com seu espírito crítico, em toda a minha graduação, por ter me deslumbrado com temas, teorias, pensadores e perspectivas inéditas a mim, por ter me apresentado Jung e me levado ao tema desse trabalho. E ainda pelas explicações profundas e elucidativas, pelo incentivo e colaboração na produção dessa monografia.

A Roberson Geovani Casarin, com quem tive contato antes mesmo de iniciar o curso, e foi de uma objetividade e paixão ao me falar da Psicologia que me incentivou ainda mais e assim continuo durante toda a graduação.

A Eliane Alves Almeida Azevedo, pelo exemplo de postura profissional que sempre me despertou admiração, pelas conversas de corredores, findadas com inúmeras indicações de leituras e, sobretudo pelo seu profundo amor à psicologia e à psicanálise.

A Maila Beatriz Goellner, por ter contribuído tanto para minha formação profissional e pessoal, no pouco tempo que esteve próxima, com seu grande conhecimento e sobre tudo com sua humildade sempre a frente de tudo o que faz. E ainda pelas sugestões de literaturas que contribuíram com este trabalho.

A Rosani Aparecida Alves Ribeiro de Souza, pelo incentivo e dicas de escrita com imensa paciência, sensibilidade e sabedoria que possui.

A Valdeir Soares Andrade e Helen Cistina, pelo constante apoio e incentivo, pelas diversas conversas acerca de meu tema que contribuíram para minha escrita.

A Zieli Pereira dos Santos, por carinhosamente ler meu trabalho e me fornecer um feedback a partir de um olhar externo à psicologia.

“Tudo o que nos irrita nos outros pode nos levar a uma melhor compreensão de nós mesmos.”

Carl Gustav Jung

RESUMO

A presente monografia expõe o processo de individuação, que trata da teoria do autodesenvolvimento na psicologia analítica de Jung. Para isso são apresentados alguns dos principais conceitos de Jung, sendo, anima e animus, sombra, complexo afetivo, persona, ego e Self ou Si-mesmo, visando proporcionar um contexto no qual esses conceitos se entrelaçam à individuação. Posteriormente, são expostas as conclusões das investigações de Jung a respeito da contribuição de outras abordagens para o desenvolvimento humano, sendo elas a alquimia e o cristianismo, assim como as limitações encontradas nessas abordagens segundo o pesquisador. Por fim é discutido a projeção da anima/animus e de uma persona de eficácia face a dinâmica das organizações contemporâneas, como um mecanismo de defesa do ego que precisa ser superados ou abandonados para permitir o livre fluxo do desenvolvimento do indivíduo. Sendo apresentada a análise de um filme e um caso a fim de elucidar o processo de projeção da anima e da persona. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura, a partir das obras de Jung, artigos, uma dissertação de mestrado, dicionários especializados e um trabalho apresentado em anal de congresso.

Palavras-chaves: Individuação, Inconsciente Coletivo, Projeção, Anima/animus, Self.

ABSTRACT

The present monograph exposes the individuation process, which is the theory of autodevelopment in Jung's analytical psychology. For this they are presented some of the main concepts of Jung, being, anima and animus, shade, affective complex, persona, ego and self or Si-even, aiming to provide a context in which these concepts entwine to individuation. Subsequently, the conclusions of Jung's investigations are exposed to the contribution of other approaches to human development, being the alchemy and Christianity, as well as the limitations found in these approaches according to the researcher. Finally, the projection of Anima/animus and a persona of effectiveness faced with the dynamics of contemporary organisations, such as an ego defence mechanism that need to be overcome or abandoned to allow the free flow of the development of the individual. The analysis of a film is presented and a case in order to elucidate the process of projection of Anima and the persona. The methodology used was the revision of literature, from the works of Jung, articles, a thesis, specialized dictionaries and a work presented in anal of Congress.

Keywords: Individuation, Collective Unconscious, Projection, Anima/Animus, Self.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 METODOLOGIA.....	12
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	13
4.1 PRINCIPAIS CONCEITOS DE JUNG	13
4.2 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO – A UNIÃO DE OPOSTOS.....	21
4.3 A PROJEÇÃO COMO BARREIRA À INDIVIDUAÇÃO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS.....	44

INTRODUÇÃO

Crescimento pessoal, autodesenvolvimento, desenvolvimento espiritual, ou ainda o desenvolvimento da personalidade são diversos nomes dados às noções de que o ser humano pode desenvolver-se psicologicamente. Esse tema sempre foi alvo do interesse da humanidade, assim como o conhecimento sobre a natureza humana. As mitologias, as religiões, as filosofias, e mais recentemente as ciências psicológicas sempre forneceram suas respostas aos temas.

Esse trabalho visa expor e discutir as contribuições de Carl Gustav Jung, nessa área, voltando-se ao desenvolvimento do indivíduo ocidental, assim como, analisar problemas inerentes ao sujeito do ocidente que dificultam seu desenvolvendo psíquico. Jung foi um psiquiatra e psicólogo suíço, criador da Psicologia Analítica. Estudou diversas teorias, sobretudo a antropologia, a mitologia e as religiões e esteve em contato com povos considerados primitivos, na busca pela compreensão da natureza humana, pois, ao discordar de parte da psicanálise de Freud, precisou ir em busca de novas explicações para descrever a constituição da psique, que, para ele ia além da teoria da libido sexual. Descobriu também em sua experiência clínica e estudos mitológicos, ir muito além do inconsciente freudiano, que na teoria de Jung equivale ao inconsciente pessoal.

Assim desenvolveu o seu mais incompreendido conceito, o inconsciente coletivo, formado por conteúdos hereditários universais a todos os seres humanos. E logo o conceito de arquétipo, estruturas descritas no primeiro capítulo desse trabalho juntamente com outros conceitos centrais, sendo: anima e animus, sombra, complexo afetivo, persona, ego e Self (ou Si-mesmo), que são sinônimos dentro da teoria) e por último será abordado sobre a relação destes e a projeção, conceito oriundo da psicanálise. A partir de sua clínica, onde sempre considerou que as patologias, especialmente as psicoses, teriam muito a dizer à psiquiatria, percebeu então que a dinâmica da energia psíquica teria uma meta, uma tendência vital ao desenvolvimento da personalidade, na medida que consciente e inconsciente fossem integrados, reduzindo as fontes de conflitos que deriva dos opostos entre esses. Assim, adota o processo de individuação como sendo sua teoria do desenvolvimento da personalidade.

O segundo capítulo aborda especificamente o Processo de Individuação, sendo exposto em paralelo o significativo tempo que Jung investiu no estudo da alquimia e do cristianismo, nos quais constatou que ambos contribuíam para o processo de individuação e, para sua teoria, considera a maior contribuição vinda da alquimia. Entretanto, a busca por transformar o cobre no nobre ouro, meta jamais alcançada, se tratava, segundo ele, de pura projeção das necessidades internas de desenvolvimento da psique, assim confundidas com processos externos. Todavia, as formulações alquímicas de transformação da matéria serviram de base para o pesquisador compreender aspectos subjetivos nada palpáveis. Ao cristianismo, Jung aponta que contribui para o desenvolvimento espiritual, entretanto é limitado, por considerar apenas o lado bom do ser humano e negar o lado obscuro, também o projetando para o exterior, a partir do qual surge o arquétipo do demônio. Ele jamais negou que o homem é dotado de um lado claro e outro obscuro, pois negando o lado sombrio, afirma, seria impossível desenvolver-se.

Por fim, no terceiro e último capítulo, discute-se a projeção, conceito inicialmente adotado na psicanálise freudiana e posteriormente se difundindo por todas as escolas de psicanálise como mecanismo de defesa, mas aqui, abordada a partir de suas características próprias à teoria junguiana, sendo descrita a sua origem, suas funções e como ocorre, assim como discutido posteriormente a necessidade de superá-la para desbloquear o fluxo do desenvolvimento. O conceito ainda se distinguirá ao se relacionar com os conceitos supracitados, especialmente em relação a projeção da anima/animus e a persona. Desse modo, trata-se do segundo conceito central nesse trabalho.

Ainda no terceiro, discute-se a dinâmica das organizações contemporâneas que ao supervalorizarem a racionalidade e o alto desempenho do indivíduo voltado ao exterior, o distancia da individuação e contribui para que se mantenham as projeções de uma persona de eficácia no mundo externo, o que atua como barreira entre o indivíduo consciente e o Si-mesmo, sendo ainda realizada análise do filme “Um senhor estagiário” da diretora Nancy Meyers, com o qual objetiva-se elucidar a projeção nessa dinâmica face a individuação. É também abordada a projeção expressa na homofobia, visando demonstrar como a persistência da projeção pode também acarretar problemas no convívio social.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar o conceito junguiano de individuação como um caminho para autodesenvolvimento e discutir a projeção nesse processo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contextualizar os principais conceitos de Jung;
- Conceituar o processo de individuação de Jung;
- Conceituar e discutir a projeção como barreira ao autodesenvolvimento (individuação).
- Elucidar os processos de projeção na dinâmica organizacional contemporânea a partir da análise do filme “Um senhor estagiário”.

3 METODOLOGIA

Este trabalho é o resultado de uma Revisão Bibliográfica, que, segundo Gil (2010), desenvolve-se baseada em material já elaborado, especialmente livros e artigos científicos referentes ao tema. Foram utilizados 32 capítulos de livros, sendo 2 em língua estrangeira; 3 dicionários especializados; 6 artigos, sendo um em língua estrangeira; uma dissertação de mestrado e 1 trabalho apresentado em anal de congresso, ou seja, 43 bibliografias foram utilizadas. A busca por materiais foi realizada entre julho de 2016 e novembro de 2017. Os livros utilizados datam de 1921 à 2013, artigos e anais de congresso de 2002 à 2015.

Para a pesquisa foram utilizados os seguintes bancos de dados, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), livros do acervo pessoal da orientadora, livros do acervo pessoal do acadêmico, como descritores foram utilizados: Individuação, Sombra, Inconsciente coletivo, Arquétipos, Jung, Animas e animus, Projeção, Persona, Complexo afetivo, Self e Si-mesmo.

Foram excluídos temas que não condiziam com a psicologia analítica.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 PRINCIPAIS CONCEITOS DE JUNG

Antes de nos dedicarmos especificamente ao conceito de Individuação o apresentaremos brevemente enquanto contextualizamos o leitor com a psicologia formulada por Carl Gustav Jung, a psicologia analítica, assim como seus principais conceitos.

A teoria psicológica desenvolvida por Jung mostra-se complexa e fascinante, abrangendo uma multiplicidade de pensamentos e comportamentos humanos. O autor analisou a natureza humana, na qual tal empreendimento incluiu: Alquimia, religiões orientais, parapsicologia e mitologia (FADIMAN; FRAGER, 1986).

Ao empreender suas pesquisas e produzir sua teoria, Jung jamais menosprezou a parte mal ajustada, geralmente vista como negativa, do psiquismo. Seu maior empenho foi aplicado na investigação das finalidades mais longínquas da pretensão e realização humanas. Nesse sentido, um conceito central na psicologia Junguiana é o da Individuação, termo utilizado para descrever um processo de desenvolvimento da personalidade, o qual envolve a criação de uma união entre ego, centro da consciência, e o Self, centro da psique total. De acordo com sua teoria, o ego, mesmo sendo parte integrante do Self tende a negar conteúdos que desconhece, ou seja, inconscientes; desse modo, afirma-se como centro da psique total, o dono da casa. Em síntese, a Psicologia Analítica está interessada especialmente no equilíbrio entre os processos conscientes e inconscientes e no aprimoramento do intercâmbio dinâmico entre esses que levam o ego a aceitação de conteúdos inconscientes, os tornando conscientes ou parcialmente conscientes, assim se vinculando ao Self (FADIMAN; FRAGER, 1986).

De acordo com Silveira (1997, p. 63) “Pode-se representar a psiquê como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge pequena ilha (consciente). Nesse sentido, Motta e Paula (2005), salientam que Jung, ao perceber ser o ego apenas uma parcela da psique total - poderíamos ainda dizer, apenas a ponta do iceberg -, adotou o conceito de Self ou Si-mesmo, sendo este a totalidade da personalidade, composto por consciente e inconsciente.

Um dos primeiros conceitos elaborados foi o inconsciente pessoal, que podemos considerar uma herança da psicanálise freudiana, pois se aproxima bastante ao conceito de Freud, sendo constituído por experiências reprimidas, memórias esquecidas, assim como percepções subliminares com carga afetiva fraca para atingir o consciente, e, sobretudo os complexos afetivos, sendo estes, constelações de representações carregadas de afetos e incompatíveis com a atitude consciente, sendo os complexos abordados mais especificamente adiante (SILVEIRA, 1997). O inconsciente pessoal alude a experiências que tenham sido demasiado fracas inicialmente para deixar uma marca consciente no indivíduo, assim de forma similar ao postulado pela psicanálise freudiana. Os conteúdos do inconsciente pessoal podem ser acessados pela consciência, havendo na verdade um grande fluxo de duas vias entre este e o ego (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Jung, entretanto, percebeu em sua experiência clínica, que alguns conteúdos que eventualmente surgiam em distintos pacientes não poderiam ser restritos ao inconsciente pessoal. Sentiu, então, a necessidade de criar um conceito mais amplo, que abrangesse a amplitude do psiquismo, ao qual chamou inconsciente coletivo - também conhecido como inconsciente transpessoal, sendo considerado um dos mais original e debatidos conceitos junguianos, tendo dito o autor: “Certamente nenhum de meus conceitos encontrou tanta incompreensão como a ideia de inconsciente coletivo” (JUNG, 1934, p.51).

Em relação ao inconsciente, Jung (1934) argumenta que uma camada superficial deste se trataria sem dúvidas de algo pessoal, ou seja, o inconsciente pessoal. Sobretudo, salienta se tratar de algo que repousa em camadas mais profundas da mente. Desse modo, esclarece ter optado por acrescentar o termo “coletivo” por extrapolar as experiências individuais, tratando-se de aspectos que, ao contrário dos conteúdos do inconsciente pessoal, nunca estiveram presentes na consciência, devendo sua origem exclusivamente a hereditariedade; ou seja, seriam universais. Sendo assim, o autor chama atenção para o fato de que qualquer abordagem terapêutica que se mantenha nas experiências pessoais do paciente não poderá alcançar a essência do psiquismo. Desse modo, esclarece que muitas vezes a influência do inconsciente na personalidade nem é percebida pelo indivíduo, devido à colaboração entre consciente e inconsciente comumente acontecer sem perturbações. Entretanto, quando uma pessoa ou grupo se distancia demais dos

impulsos instintivos, ocorre então um impacto das forças inconscientes com a consciência. Neste caso, a psicoterapia pode auxiliar para que o indivíduo considere e aceite esses impulsos, pois: “A colaboração do inconsciente é sábia e orientada para a meta, e mesmo quando se comporta em oposição à consciência, sua expressão é sempre compensatória de um modo inteligente, como se estivesse tentando recuperar o equilíbrio perdido” (JUNG, 1934, p. 281).

O inconsciente coletivo é o resultado de marcas ou imagens herdadas de nossos ancestrais, herança que não inclui apenas a história racial humana, e sim préhumana também. São resquícios psíquicos deixados como traços de memórias (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000). Este conceito é também elucidado pelo autor a partir de uma dimensão biológica, que nos é mais pautável, ao dizer:

Exatamente como o corpo humano representa um verdadeiro museu de órgãos, cada qual com sua longa evolução histórica, da mesma forma deveríamos esperar encontrar também, na mente, uma organização análoga. Nossa mente jamais poderia ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo, no qual a história existe. (JUNG, 1959, p. 67).

Certa vez, em 1906, Jung se deparou com uma experiência clínica de um dos seus pacientes psiquiátricos e, quatro anos depois, a concilia com seus estudos das religiões, o que iria contribuir para sua compreensão acerca dos conteúdos universais da psiquê aos humanos. Nesse ano, em sua distinta prática de observação de ideias delirantes, alucinações e gestos dos psicóticos, ou na época os “loucos” internados no hospital Burgholzli em Zurique, onde era chefe de clínica, o jovem psiquiatra fora abordado por um esquizofrênico, que, o tomando pelo braço, disse deseja lhe mostrar algo: dizia que se o médico movesse a cabeça de um lado para a outro iria ver o pênis do sol também se mover, e esse movimento era a origem do vento. Em 1910, ao ler um uma recente publicação de manuscrito gregos referente às visões dos adeptos da religião persa Mitra, Jung se de parou com um trecho que dizia, “[...] e também será visto o chamado tubo, origem do vento predominante. Ver-se-á no disco do sol algo parecido a um tubo, suspenso.” (SILVEIRA, 1997, p. 67). A partir dessa experiência, Jung depositou maiores esforços no estudo desses conteúdos universais e a partir da convergência de dados oriundos de suas próprias experiências, de dados empíricos de sua clínica e análise de sonhos, a partir do que surge a concepção de inconsciente coletivo.

Apesar dessas formas de acesso aos conteúdos do inconsciente coletivo, por sua própria natureza simbólica, ele não pode ser conhecido em si, e deve ser investigado em sua relação com a consciência. Nesse sentido, uma destacada forma de manifestação de parcelas do inconsciente coletivo são os arquétipos.

Os arquétipos são estruturas presentes no inconsciente coletivo sendo vazios de conteúdos próprios, no entanto, são determinados pela forma nas quais congregam os conteúdos possíveis de serem constelados pelos indivíduos e exercem a função de organizar os conteúdos psíquicos em imagens. E, no caso de se tornarem conscientes, são também preenchidos com as experiências conscientes. Esses foram também chamados de “imagens primordiais”, devido a não se difundirem simplesmente pela tradição ou linguagem, mas ressurgirem espontaneamente em qualquer tempo e lugar sem influência externa; surgem especialmente em lendas populares e contos, em distintas épocas e culturas (JUNG, 1934).

Ao falar em instintos, Jung (1934), destacou que esses são análogos aos arquétipos, supondo inclusive que esses segundos seriam a representação em imagens inconscientes dos instintos; seriam, assim, imagens, símbolos de afetos arquetípicos que não podem ser compreendidos em essência pela consciência.

Um arquétipo é formado a partir da repetição de uma experiência por diversas gerações. Exemplo muito utilizado trata-se do sol, segundo o qual, ao ser visto realizar seu ciclo diário por inúmeras gerações, tornou-se o arquétipo do deus-sol ao se fixar no inconsciente coletivo. Em outras palavras, arquétipo é uma maneira universal de pensamento mítico, contendo demasiados elementos emocionais. Trata-se de uma predisposição interna para conceber o mundo. Outro exemplo é o bebê, que já nasce predisposto a perceber a mãe, pois tendo todos os indivíduos uma mãe, foi formada no inconsciente uma imagem universal de mãe, que não necessariamente corresponde à mãe real. Desse modo, as experiências do bebê com a mãe real possuem maior influência sobre sua percepção dela. Entretanto, a predisposição para conceber tais imagens estará sempre presente (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Assim, podemos ainda lembrar dos instintos animais, que não são ensinados e independem de suas vivências: são heranças presentes em todos de uma espécie, possuindo grande influência sobre os animais (JUNG, 1934).

De acordo com Jung:

Os conteúdos de um arquétipo podem ser integrados na consciência, mas eles próprios não tem essa capacidade. Portanto, os arquétipos não podem ser destruídos através da integração ou da recusa em admitir a entrada de seus conteúdos na consciência. Eles permanecem uma fonte à canalização das energias psíquicas durante a vida inteira e precisam ser continuamente trabalhados (JUNG, 1986, p. 6).

Desse modo é possível perceber que muitas representações surgem a partir de influências arquetípicas, e essas parcelas inconscientes contribuem para o desenvolvimento da personalidade, já que os arquétipos em si não podem ser acessados.

Um conceito que em parte se assemelha aos arquétipos, mas que, todavia, se diferenciam deles, é o de complexos afetivos. De maneira geral, os complexos afetivos correspondem a conteúdos psíquicos com alta carga afetiva que primariamente se agrupam em torno de um núcleo arquetípico, atraindo posteriormente diversas ideias e imagens, conteúdos do inconsciente pessoal, sendo que esses aglomerados de elementos se mantêm unidos por afetos comuns entre si. Ainda podemos dizer que cada conteúdo, que possui uma emoção semelhante aos já presentes no complexo, podem ser atraídos para este, o inflando cada vez mais. A teoria dos complexos afetivos surgiu a partir de experimento que Jung realizou com diversos pacientes através de um método que ele mesmo desenvolveu, o teste de associação de palavras (FIALHO; SILVEIRA, 2009).

Na aplicação desse método, Jung percebeu que alguns conteúdos que não eram conscientes ao indivíduo afetavam suas respostas. Determinadas palavras levavam os indivíduos a acessarem memórias dolorosas que haviam sido expulsas da consciência e repousavam no inconsciente, e esses conteúdos se associavam a outros, formando uma rede de conteúdos com alta carga afetiva (STEIN, 2004).

Perante todos esses entrelaçamentos que os complexos produzem ao reunirem e atraírem diversos conteúdos, sejam aqueles que já foram conscientes e se tornaram inconscientes ou aqueles que nunca foram conscientes, pode restar dúvidas acerca dessa relação dos complexos com os inconscientes pessoal e coletivo. Nesse sentido, Jacobi (1995) considera que aqueles complexos cujo nó que entrelaça os conteúdos está se inchando apenas por conteúdos arquetípicos, comuns a todos os seres

humanos, então pode-se considerar um complexo do inconsciente coletivo; por outro lado, quando a um complexo arquetipo se soma a conteúdos adquiridos através das experiências individuais, há um complexo da esfera do inconsciente pessoal (complexo afetivo).

Para Fordham (1968), os complexos afetivos podem ser elucidados como sendo diversos pequenos “nós” ou “eus” que possuem grande carga afetiva e com isso ganham uma parcela de autonomia, muitas vezes influenciando a consciência e podendo entrar em conflito com o eu, que percebe esses complexos como estranhos.

Para Jung (1984), o ego ou a consciência que se organiza através do eu é resultado do “complexo do eu”, ou seja, o ego seria um grande complexo.

O ego é a parte consciente da psique total, sendo constituído por sentimentos, memórias pensamentos, pela noção de identidade e contato com o mundo externo (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Nesse sentido, é considerado uma das maiores estruturas da personalidade. Apesar disso, Jung (1935) adverte que a consciência (ego) se trata de um dado peculiar, uma película que cobre a vasta área inconsciente da psique total. Para ele, em oposição à concepção freudiana de que o inconsciente seria produto da consciência, é justamente o contrário: seria o ego um produto que emerge do inconsciente, dizendo, inclusive, que na primeira infância nos desenvolvemos ao nível inconsciente e que toda noite, ao dormirmos, mergulhamos nessa parcela mais profunda e abrangente.

Apesar do ego perder o *status* de centro da psiquê total, como se pensava, a partir das novas concepções da teoria junguiana ele continua a ter papel crucial no funcionamento e desenvolvimento da psiquê, especialmente por sua relação com o inconsciente. Pois é no campo da consciência que se desenrolam as relações entre inconsciente e o ego (centro da consciência). Qualquer conteúdo inconsciente precisa relacionar-se com o Ego para se tornar consciente ao indivíduo. Entretanto, o ego tende a opor-se aos conteúdos inconscientes, por lhes serem desconhecidos, e assim, sentidos como ameaçadores (SILVEIRA, 1997).

Enquanto os conteúdos do inconsciente pessoal advêm das experiências pessoais, no inconsciente coletivo são arquetipos que se fazem notar, existindo antes mesmo da consciência emergir à superfície. Empiricamente os arquetipos que são caracterizados com maior transparência são aqueles cujas manifestações perturbam

e influenciam o eu com maior intensidade e frequência - destacando-se a sombra, animus e anima, sendo que esses últimos serão mais bem descritos nos próximos parágrafos. Conhecer a sombra é a tarefa primordial para o autoconhecimento de qualquer espécie, sendo este o processo de conscientização acerca de aspectos obscuros de si mesmo - e por obscuro nos referimos a desejos socialmente reprováveis, mas também, a desejos positivos que foram abandonados, planos e sonhos depositados nas sombras e aptidões irrealizadas até então. Essa tarefa configura-se demasiada penosa justamente por suas pretensões, que exigem do ego uma aceitação de realidades indesejáveis à consciência, o que gera como consequência significativa resistência ao processo (JUNG, 1986).

Em relação oposta aos conteúdos inconscientes, o ego tende a se identificar com realidades exteriores, forjando uma máscara que corresponda ao que o mundo espera do indivíduo; essa máscara Jung chamou “persona”, sendo ela importante para conectar cada pessoa com a vida social, pois a consciência é voltada para o mundo exterior, social, assim cada sujeito sente a necessidade de incorporar determinada postura ou modo de ser no mundo que atenda a essas expectativas. O autor ainda afirma que “esta persona pode ser uma coisa muito atraente; se alguém tem a sorte de possuir uma persona atrativa, ele certamente se identificará com ela e acreditará que é ela, e então se tornará a vítima dela” (JUNG, 1928-1930, p. 34). Nesse sentido, Jung se refere a pessoas que vivem inteiramente incorporados a persona, o que as distanciam de si e ameaçam seu mundo por desmoronar sempre que sua persona não for valorizada no convívio social.

A formação da sombra ocorre a partir de um conjunto de características culturais, sociais e os valores de uma época, sendo o contato com a sombra uma tarefa muito penosa aos indivíduos por se tratar de características negadas de si mesmos. Logo, a percepção da sombra se dá naturalmente primeiro no mundo externo, através do processo de projeção: quando chamam a atenção do indivíduo características em terceiros que, no fundo, são suas, como desejos e medos, que levam a uma aversão ou fascínio. Para uma identificação de conteúdos oriundos da sombra, basta observar se esses possuem alta carga afetiva, pois provavelmente o são (ZWEIG; ABRAMS, 1991).

Como descrito acima, por penoso que seja a identificação da sombra, esta pode ser alcançada a partir de uma psicoterapia analítica, especialmente pelo fato de se

deparar com desejos e planos abandonados ou inacabados que podem motivar o sujeito e recuperar e lidar com esses conteúdos. Já os conceitos de *anima* e *animus* são de maior dificuldade para sua identificação. A *anima* trata-se do arquétipo feminino presente no inconsciente masculino, a qual tende à formação de imagens femininas, sendo estas a princípio projetadas em mulheres reais, motivando as conexões com alta carga emocional entre um e outro sexo. Assim como na mulher, o *animus*, que está presente em seu inconsciente, corresponde as características consideradas masculinas pela cultura. A função desse arquétipo no homem pode ser descrita como:

A *anima* tem a função de conectar a consciência masculina com a subjetividade de sua própria alma, aproximar o homem de seus sentimentos e intuições, promover conexões afetivas, o contato com os aspectos irracionais e ligados à natureza, a acentuação dos estados de humor, da criatividade, a abertura ao espiritual. Com tudo o que é inconsciente é inicialmente vivenciado através da projeção (atribuição de um conteúdo do próprio inconsciente como pertencente a outra pessoa), a *anima* é primeiramente vivenciada através das projeções masculinas sobre as mulheres, para só posteriormente ser percebida como uma “voz” feminina interior (FURTADO, 2013, p. 57).

É essencial que ocorra o desenvolvimento da *anima* e do *animus*, considerando terem como principal função psicológica o estabelecimento de uma ligação dos mundos inconsciente e consciente, viabilizando um diálogo entre um e outro, visto que “as polaridades masculina e feminina estão inseridas em cada um de nós e realizam trocas” (REZENDE, 2013, p. 49).

Por desenvolvimento nos referimos ao que Jung (1959) aponta, que o homem é levado a desenvolver seu lado feminino. *Anima* e *animus* se completam, nesse caso é necessário no homem uma aceitação da *anima*, ou seja, os aspectos mais sensíveis e intuitivos que precisam ser desenvolvidos no mesmo.

Emma Jung (1991) contribui para nosso entendimento ao esclarecer que a *anima* trata-se da personificação de todas as inclinações do psicológico feminino na personalidade do homem, como, os sentimentos e os humores. Enquanto o *animus* personifica na mulher as tendências do psicológico masculino, como a racionalidade e a força física.

Esses dois arquétipos teriam a função de trazer um equilíbrio à personalidade, tanto feminina como a masculina, ao levar o indivíduo a resgatar características

inconscientes que também possui, e, no entanto, são negadas pela sociedade, que aponta pertencerem exclusivamente ao outro sexo.

Como exemplo da ação do animus na mulher, podemos mencionar as conclusões da análise do filme biográfico de Frida Kahlo levada a cabo por Rezende (2013). Frida foi uma pintora que viveu em Coyoacán no México e se declarava libertária e revolucionária. Profunda admiradora das ideias Marx e Engels e sobretudo Lênin, sempre lutou pela revolução comunista presente nas américas em sua época. Com suas pinturas, se destacou nas vanguardas, no surrealismo em especial; contudo, desenvolveu um estilo próprio, profundamente influenciado pela cultura mexicana. Filha de uma mestiça mexicana e um fotógrafo judeu/alemão, foi sempre incentivada artisticamente pelo pai, com quem teve intensa ligação afetiva. Já a mãe era fria e distante. A artista teve sua vida marcada por tragédias e grandes angústias. Antes de investir na sua carreira de pintora sofreu em acidente que a deixou de cama por muito tempo. Apesar disso, foi durante a sua recuperação que começou a pintar com frequência, a partir do momento que a mãe colocou um espelho em cima de sua cama. Dizia pintar a si mesma por sentir-se sozinha e ser ela o assunto que melhor conhecia.

As características mais racionais, a força revolucionária e o dom da palavra da pintora são atribuídos a ativação do animus, o que ocorreu em consequência de sua relação harmônica com o pai e a distância afetiva da mãe (REZENDE, 2013).

4.2 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO – A UNIÃO DE OPOSTOS

De uma maneira geral, pode-se dizer que a individuação é o processo de formação e particularização do ser, onde o indivíduo se torna distinto do conjunto: um processo de diferenciação para um desenvolvimento da personalidade individual. Tida como uma necessidade natural que não deve ser impedida, pois traria prejuízos - como uma deformação artificial - é algo inato do ser humano: nasce-se destinado a esse processo de individuação, primeiro física e fisiológica, posteriormente acontece a manifestação psicológica (JUNG, 1921).

Contudo, a individuação se deparara com dificuldades e barreiras, tanto individuais quanto culturais. De acordo com conclusões a partir da prática da clínica analítica, há indicações de que a imposição da racionalidade sobre o homem contemporâneo para conseguir atingir um padrão de organização e disciplina promove uma repressão de aspectos inconscientes da sua personalidade, o que tem lhe colocado em um estado de grande sofrimento (ARCURI, 2009).

Falando em desenvolvimento pessoal como uma modificação positiva da personalidade, Jung (1934), adverte que o homem civilizado possui um grau de dissociabilidade muito alto e pode se utilizar dele sempre que queira evitar riscos, por isso diz que não é garantia de que o conhecimento seja acompanhado de ação que o corresponda. Pode-se, segundo ele, contar com a extrema ineficácia do conhecimento, insistindo na necessidade de uma aplicação significativa do mesmo. Ou seja, o autor aponta que a racionalidade guiada pelo ego tende a se opor a experiências que lhe aparentem riscos. Desse modo, a racionalidade por si só não pode levar o homem ao desenvolvimento de sua personalidade, pois justamente o afasta desse processo. Assim, o indivíduo necessita de uma orientação para que a consciência permita uma abertura às experiências afetivas que o leve a experiências mais profundas, seja uma psicoterapia analítica ou de outra orientação. Em outras palavras, necessita de uma abertura ao inconsciente. Prontamente, a partir dessas experiências, a consciência passa a se nutrir de conteúdos afetivos antes inconscientes.

Acerca do processo de desenvolvimento pessoal, ou individuação, Lyra (2012, p. 57) comenta que tanto para Nietzsche como para Jung, “o caminho da individuação - para usar o termo de Jung – é solitário e árduo, especialmente se houver uma lacuna grande da compreensão da missão ou mesmo beligerância contra ela”. Nesse caso, o autor se refere àqueles que assumem conscientemente seu processo, bem como àqueles que, por lacuna em relação à missão, mas que apresentam desejo pelo crescimento ou autodesenvolvimento e não detêm de um conhecimento teórico ou auxílio - que nesse caso poderia ser uma psicoterapia analítica -, perdem-se nos meandros dos caminhos da individuação. Ademais, indica outra possibilidade mais beligerante: desconhecendo a tendência da consciência de se opor ao caminho da individuação, o sujeito o rechaça, centrando-se plenamente em uma atitude unilateral

da consciência reativa ao sentir que os conteúdos advindos do inconsciente oferecem uma ameaça.

Lupo (2016) de fato indica a dificuldade do sujeito que ousa a enfrentar os desafios da individuação ao afirmar que nenhum sofrimento se compara ao tormento de percorrer o próprio caminho: de tão difícil que é, não há nada que não se preferiria à semelhante tortura. Nesse sentido, Jung (2009, p. 67), no início de sua escrita de “O livro vermelho”, disse, referindo-se à reatividade instintiva da psique: “[...] Por isso, agarro-me a qualquer coisa que impeça o percurso na direção de mim mesmo”.

A frase supracitada foi escrita em um momento quando Jung se encontrava em um estágio não muito avançado de sua individuação consciente. Todo processo de individuação é marcado por medo da autoimolação que está a espreita, por trás e dentro de cada um, pois o temor é a encarnação das forças inconscientes que só com muita dificuldade conseguimos impedir que produzam todas as suas consequências. Todo caso de autodesenvolvimento passou por esta travessia perigosa, pois o objeto de temor, isto é, o mundo tanto inferior como superior das dominantes psíquicas do qual o ego já se emancipou com muita fadiga e somente até certo ponto, rumo a uma liberdade ilusória, faz parte da totalidade do Si-mesmo (JUNG, 1938).

Esta liberdade é uma empresa heroica e certamente necessária, mas não constitui nada de definitivo, pois representa apenas a formação de um sujeito ao qual, para que possa atingir a plena realização, é preciso que se contraponha o objeto. Parece que se trata em primeiro lugar do mundo, que é inflado de projeções também para esse fim (JUNG, 1938, p. 60).

Nessa passagem, o autor se refere especificamente ao ego, atribuindo o devido valor a este que é estruturante do sujeito para que possa se introduzir e viver em sociedade, em conexão com o mundo exterior. Entretanto, por liberdade ilusória, se refere ao fato de que para uma realização mais ampla da personalidade exige-se abandonar a segurança e comodidade da consciência e se enfrente o inconsciente. Em relação ao sujeito que ignora a necessidade de assimilação do lado inconsciente da personalidade, o autor prossegue:

Mas a própria natureza nem sempre permite este estado paradisíaco de inocência do sujeito por um tempo prolongado. Há atualmente, como sempre houve, aqueles que não conseguem deixar de perceber que o mundo e a vida terrena possuem uma natureza de

caráter parabólico e que, propriamente falando, são uma cópia de algo que jaz imerso nas camadas mais fundas do próprio sujeito, na própria realidade transubjetiva (JUNG, 1938, p. 60).

Nesse trecho, o autor aborda as metáforas de natureza parabólica e realidade transubjetivas para dizer que alguns indivíduos percebem haver algo além do ego, além da realidade consciente, e se inquietam com isso, motivados por uma curiosidade acerca de si mesmos que os move em direção ao inconsciente, e logo, para o caminho da individuação.

Pode-se ainda dizer que esse processo de individuação marca a empreitada através da qual o indivíduo se torna único, distinguindo suas singularidades dos demais, pois se afasta da imagem que a sociedade espera de si e caminha em direção a um acesso mais íntimo consigo mesmo, tornando-se, de acordo com Jung (1928) o próprio Si-mesmo. “Podemos pois traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se-simesmo’ (verselbstung) ou ‘realizar-se do Si-mesmo’ (selbstverwirklichung)” (JUNG, 1928, p. 63). Sendo definido como uma totalidade psíquica do homem, o Si-mesmo é símbolo de tudo aquilo que ele supõe constituir (JUNG, 1942a).

Algo muito importante nesse processo é que o indivíduo aprenda a diferenciar e entender o que ele parece ser para si mesmo do que o que é para os outros. É necessário integrar os conteúdos dos arquétipos, como anima e animus, para que estes não influenciem de forma conflitante a consciência. Porém, para que isso ocorra é necessário conhecê-la, o que se torna difícil devido ela ser invisível - o que não é o caso da persona, pois o indivíduo e seu cargo social são coisas diferentes e isso é fácil de ser explicado e entendido (JUNG, 1928).

Nesse contexto, existe também anima e animus que vivem e funcionam nas camadas mais profundas do inconsciente, mais especificamente no inconsciente coletivo, já denominado por Jung. São responsáveis por trazerem à tona a consciência efêmera uma vida psíquica desconhecida, pertencente a um passado longínquo. Podendo ser conhecido como traços arcaicos de nossos ancestrais desconhecidos, seu modo de pensar e sentir, seu modo de vivenciar vida e mundo, deuses e homens. Mesmo princípio utilizado para explicar reencarnações e lembranças de “vidas passadas”. Esse é o reconhecimento que se dá a história da psique, reconhecendo que não é a única coisa no mundo que não tenha história. Mesmo com esse reconhecimento, tem-se que dizer que a consciência do eu, porém, é a única que tem sempre um novo princípio e um fim prematuro (JUNG, 1934).

Como além de sua teoria Jung teve como base a sua própria experiência, ele aborda os arquétipos de animus/anima se atendo mais especificamente à anima. Nesse sentido, discorre que, não sendo reconhecida, a anima pode surgir na consciência do homem de uma maneira grosseira e infantilizada, se manifestando em fantasias eróticas que levam muitos indivíduos se voltarem à pornografia de forma intensa que o prejudique, como, afasta-lo das relações. Prosseguindo, o autor afirma que a projeção da anima para o exterior, como em casos arrebatadores de paixão, pode comprometer um casamento, levando o sujeito a se entregar a uma outra mulher que o fascina, o que poderia ser sanado com o reconhecimento da anima como um poder interior de si próprio, o levando a perceber que os aspectos femininos que o fascinam é uma necessidade de reconhecimento de seus próprios conteúdos inconscientes, considerados femininos. Apesar de toda essa provável situação que pode surgir como problemática, o inconsciente com isso impulsiona o homem para o desenvolvimento e amadurecimento de sua própria personalidade, ao integrar os conteúdos desse arquétipo e trazê-los para a sua vida externa (JUNG, 1959).

Assim como a integração dos conteúdos da anima, o Si-mesmo pode ser considerado como uma maneira de compensar o conflito existente entre interior e exterior, e tem por significado a representatividade da meta da vida. O processo pode ser definido utilizando o mesmo mecanismo da terra que gira em torno do sol, sendo o Si-mesmo considerado como algo irracional e indefinível, não se opondo nem se submetendo, mas se ligando de maneira simples. Ou seja, o ego consciente se ligaria ao Si-mesmo não mais se opondo ao mesmo, e ainda que sem compreender a totalidade de sua natureza, se nutre de seus conteúdos, havendo assim uma ampliação da consciência, ao passo que ambos assumem uma dinâmica harmônica de funcionamento. Existe uma percepção individual a respeito dessa ligação; porém, não se tem como afirmar nem conhecer diretamente nada desta relação entre eu e Si-mesmo, uma vez que os conteúdos do Si-mesmo são indecifráveis. Entretanto, o ego é o único conteúdo conhecido, e assim, conforme conteúdos inconscientes são integrados ao ego, este sente uma ampliação da consciência, desse modo surge a possibilidade de se conhecer parcelas dessa relação (JUNG, 1928). Contudo, o autor chama atenção para a limitação com que se deparou ao tentar compreender o Si-mesmo:

Por isso, o *si-mesmo* pode pretender pelo menos ter o valor de uma hipótese, análoga à da estrutura dos átomos. E mesmo que estejamos mais uma vez envolvidos numa imagem, trata-se de algo poderosamente vivo, cuja interpretação ultrapassa minhas possibilidades. Não duvido em absoluto que se trata de uma imagem, mas é uma imagem na qual estamos incluídos (JUNG, 1928, p.131-132).

Partindo da limitação e complexidade que envolve a pesquisa ou qualquer busca pela compressão nesse sentido, Jung discute acerca de outras abordagens que se propuseram contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, mas que mostraram limitações, sendo elas, o cristianismo e a alquimia, cada uma tendo grande influência social em suas respectivas épocas de ascensão.

Considerando que a busca por tornar-se Si-mesmo é algo inerente à natureza humana, logo uma necessidade que sempre esteve presente em todos os indivíduos, Jung menciona que o Cristianismo possui sua parcela de contribuição projetiva do destino da psique, embora se mostre limitada por não abranger a totalidade exigida pela definição psicológica, pois a figura de Cristo não compõe uma totalidade por faltar-lhe a este o lado noturno da natureza psíquica: a escuridão do espírito e do pecado. Falta a integração do mal para se ter uma totalidade. Ou seja, o autor se refere à sombra, mais especificamente aqueles conteúdos tidos como negativos ou maus pela sociedade, como passível de promover uma integração psíquica. Logo, para um desenvolvimento completo do indivíduo se faz necessário a aceitação e compreensão desses conteúdos, que no cristianismo são negados e projetados para o exterior, desse modo surge o diabo, que, nesse quesito, é a oposição dos contrários: a desobediência, em termos psicológico; seria ele a parte “má” do homem (em termos cristãos), projetada para o exterior e localizada em uma imagem mítica. Desse modo, perde-se também a autonomia da existência individual, visando a perfectibilidade e não a totalidade psíquica. O que é íntimo do indivíduo, de sua sombra, torna-se parte de um exterior: o diabo ou o mal; assim, sendo impossível ser abordado o que é singular de cada sujeito (JUNG, 1942a).

Por outro lado, o autor ainda discorre que a partir do cristianismo “O homem só se percebe a si próprio como ego, e o Si-mesmo como totalidade, não se distinguindo de uma imagem de Deus, a autorrealização é a encarnação divina” (JUNG 1942a, p. 62). Deus é bom, o maligno não existe nele, o diabo é a figura incômoda e desagradável. Em outras palavras, nessa abordagem, além da projeção da sombra

que deu origem e sustenta a imagem do diabo, há também a projeção do Si-mesmo também para o exterior, na figura mítica do Deus. Desse modo, o indivíduo não recebe instrução nem mesmo percebe que esse Deus nada mais é que o Si-mesmo, sempre atribuindo essa meta ao encontro com a divindade exterior, se mantendo em um plano místico enquanto na verdade a meta é psicológica, instintual: esse Deus é o próprio Si-mesmo e está em cada um (JUNG, 1942a).

Para elencar ainda outra área do saber que indiretamente trouxe contribuições para o desenvolvimento do indivíduo, Jung atribui à alquimia a maior contribuição para sua própria teoria da individuação, sendo o estudo que o havia levado mais longe nesse caminho. Cita o autor:

Os alquimistas com razão conceberam a união mental na superação do corpo apenas como a primeira etapa da união, ou respectivamente da individuação. Na sua totalidade os alquimistas procuraram alcançar (simbolicamente) uma “união total dos opostos” e a consideravam como indispensável para cura de todos os males. Por isso não só postulavam, mas, de fato, procuravam encontrar os meios e o caminho para preparar aquele ser que une em si todos os opostos. Ele devia ser espiritual e material, vivo e não vivo, masculino e feminino, velho e jovem, e (como se supõe) moralmente neutro. Ele deveria ser criado pelo homem, mas simultaneamente como um não criado devia ser a própria divindade (“*deus terrestres*” / deus terrestre) (JUNG, 1956, p.281).

Jung aponta que os antigos alquimistas atribuíam o segredo da alma à matéria, e a esse respeito recorre a dois grandes pensadores alemães: Goethe e Nietzsche, que também atingiram grandes avanços no campo do desenvolvimento da personalidade. O primeiro através da arte (literatura) e o segundo através da filosofia, para advertir que nem Fausto (obra de Goethe) nem Zarathustra (obra de Nietzsche) nos animam a recorrermos à matéria para buscar compreender a natureza psíquica, pelos alquimistas tratada como “alma” (JUNG, 1944).

Com isso, só podemos negar à consciência a pretensão arrogante de ser uma totalidade, pois a natureza humana - para os alquimistas, a alma - é uma realidade impossível de ser abarcada com os atuais recursos do conhecimento. O homem que admite sua ignorância não pode ser considerado como obscurantista, pois obscurantista é muito mais aquele cuja consciência não evoluiu suficiente para reconhecer a sua ignorância. A expectativa do alquimista de produzir o ouro filosófico a partir da matéria é uma ilusão causada pela projeção e corresponde a fatos psíquicos da maior importância para a Psicologia do Inconsciente. No entanto, ele

projeta o processo de individuação nos processos de transformação química. Individuação não é um termo que significa fatos inteiramente conhecidos e esclarecidos, é o que indica um domínio obscuro de pesquisa ainda em processo de aperfeiçoamento dos processos psíquicos através dos quais a personalidade em formação atinge seu centro no inconsciente, o Si-mesmo. Processos esses que são considerados misteriosos porque propõe enigmas à compreensão humana; sua solução exigirá ainda um demorado e talvez inútil esforço de sua parte (JUNG, 1944).

A partir dessa relação entre o ego e o Si-mesmo, Jung fala posteriormente da relação existente entre consciência, inconsciente e a individuação, momento no qual deixa claro que a individuação é um processo contínuo que a princípio ocorre inconscientemente. Logo, um processo analítico deve conduzir o indivíduo à confrontação necessária com o inconsciente que levaria finalmente a união mental: “O que se faz agora é o começo da individuação consciente, que tem por meta a experiência e a criação do símbolo da totalidade” (JUNG, 1956, p. 353).

Salientamos ainda que o autor considera como “analítico” todo processo que venha a se confrontar com a existência do inconsciente (JUNG, 1934). Ao mencionar que a individuação ocorre a princípio ao nível inconsciente, o autor pretende esclarecer se tratar de um processo natural na vida do indivíduo, tendo a tendência de se tornar o que sempre foi dotado de consciência. Entretanto, muitas vezes pode vir a se desviar da base arquetípica instintual, opondo-se a ela, ou seja, uma psicoterapia analítica iria contribuir para esse processo inconsciente e torna-lo consciente ao avançar do percurso da análise, assim como também pode contribuir para o desenvolvimento do indivíduo quando este se afastar da meta. Afastamento esse que pode se dar a partir de exigências externas que levem o indivíduo a projetar uma persona esperada, assim se afastando de si mesmo. Com isso, surge uma necessidade de sintetizar duas posições: a da consciência, com suas pretensões e racionalidade, e os impulsos inconscientes, que também precisam ser aceitos, conhecidos e trazidos ao menos parcialmente à consciência, assim ocorrendo uma síntese posterior à análise. Para isso, é necessária uma psicoterapia em nível primitivo capaz de lidar com a consciência, mas também com os conteúdos inconscientes, instintivos, que resulte em reparação e uma consciência, a mais ampla possível, dos conteúdos inconscientes constelados e conscientes (JUNG, 1934).

Ainda sobre o inconsciente, considerado por Jung como a mãe da consciência, ele afirma que a consciência nunca pode negar sua mãe, pois isso seria antinatural, já que a mesma é originada de uma psique inconsciente que funciona independente dela. Com isso, o autor esclarece que a princípio na infância tudo é inconsciente e só depois surge a consciência; logo, a consciência tem muito o que aprender ainda com a mãe (o inconsciente), pois ao emergir na superfície não pode, nem jamais poderia trazer tudo o que há na parcela mais profunda e inconsciente da personalidade. Desse modo, existe uma colaboração do inconsciente com o consciente que ocorre sem atritos e perturbações, onde a existência do inconsciente não é percebida, porém, se o indivíduo se desvia demais do fundamento instintivo, experienciará as forças do inconsciente, ao passo que os conteúdos renegados são impulsionados para o exterior. Essa colaboração mútua se faz necessária porque ambos, consciência e inconsciente, não constituem uma totalidade quando um é reprimido e prejudicado pelo outro; se há um embate, deve haver honestidade de ambas as partes. Isso é, o processo de individuação é o resultado de um percurso que é produzido pelo conflito existente entre duas realidades anímicas fundamentais. O resultado dessa união são novas situações ou estados de consciência ampliados (JUNG, 1934).

Nesse momento se faz essencial mencionar que Jung orienta ser necessário conhecer os símbolos, pois é através destes que se dá a união dos conteúdos conscientes e inconscientes, sendo igualmente os símbolos que fornecem uma constatação pautável ao terapeuta e/ou pesquisador, seja através de desenhos realizados pelo paciente ou mesmo através de símbolos da totalidade que surgem em sonhos. “A meta de uma psicoterapia que não se contenta apenas com a cura dos sintomas é a de conduzir a personalidade em direção a totalidade” (JUNG, 1934, p. 289).

Quando se refere aos símbolos, em especial ao símbolo da totalidade, o autor se refere às mandalas, símbolos circulares que não possuem nem início nem fim, as quais foram identificadas na Psicologia Analítica como sendo a representação arquetípica da totalidade psíquica. Estas imagens que representam as forças arquetípicas deveriam, como fenômenos coletivos, ocorrer teoricamente em todos os indivíduos de um modo nítido. Porém, só se encontram em casos relativamente raros, mas mesmo assim desempenham papel de polos secretos em torno dos quais tudo gira. Ou seja, por se tratar do surgimento incomum e geralmente presente naqueles

pacientes cujo o processo analítico já se encontrava bastante avançado - com isso, o autor constatou ser esse símbolo representante da totalidade psíquica ou do ensejo de encontrar uma centralidade na psique. Com isso, percebeu ainda que a vida só encontra o seu sentido maior quando o indivíduo avança em seu processo de individuação a ponto de atingir essa totalidade psíquica, pois cada vida tem como meta a realização de uma totalidade, de um Si-mesmo, ou processo de individuação, pois está ligada a portadores e realizadores individuais, sendo inconcebível sem eles (JUNG, 1944).

A integração (ou processo de tornar-se homem) é preparado pelo lado da consciência, como já indicamos, ou pela tomada de consciência das pretensões egoísticas; O indivíduo percebe os seus motivos e procura formar uma ideia objetiva e mais completa possível de sua própria natureza. Trata-se de um ato de reflexão sobre si-mesmo, da concentração daquilo que se acha disperso e cujas partes nunca foram colocadas adequadamente numa relação de reciprocidade, de um confronto consigo mesmo, visando à plena conscientização. (Por isso um autossacrifício inconsciente é um mero acontecimento e nunca um ato moral)” Mas a reflexão sobre si mesmo é o que há de mais difícil e de mais desagradável para o homem predominantemente inconsciente. A própria natureza humana tem uma aversão pronunciada pela conscientização. Mas aquilo que leva o homem a essa atitude é justamente o si-mesmo, que exige o sacrifício sacrificando-se de certo modo a nós mesmos. O processo de conscientização, enquanto reunião das partes dispersas, constitui, por um lado, uma operação consciente e voluntária do eu, e, por outro lado, significa também um aflorar espontâneo do si-mesmo que já existia. A individuação aparece como síntese de uma nova unidade que se compõe de partes anteriormente dispersas, e também como a manifestação de algo que preexistia ao eu e é inclusive seu pai criador, e sua totalidade. Com a conscientização dos conteúdos inconscientes, nós, de certo modo *criamos* o si-mesmo, e nesse sentido ele é também nosso *filho* (JUNG, 1942b, p.81).

Jung (1942b) aborda que a reflexão do indivíduo sobre si-mesmo, ou o impulso para individuação, recolhe o múltiplo e o disperso, erguendo-os até a forma primigênia do uno, do homem primordial. Eliminando com isso a existência isolada, pois o indivíduo não se fecha mais em torno do seu eu, fazendo com que amplie o círculo da consciência, reduzindo os conflitos.

4.3 A PROJEÇÃO COMO BARREIRA À INDIVIDUAÇÃO

A projeção é definida pelo dicionário de psiquiatria como o ato em que um sujeito atribui a terceiros ideias ou impulsos que lhes são próprios (CAMPBELL, 1986). Em psicanálise, de acordo com Roudinesco e Plon (1998) a projeção foi utilizada por

Freud inicialmente como um mecanismo patológico pertencente a paranoia, sendo posteriormente considerado um mecanismo de defesa primário, comum em todos os indivíduos, o qual levava o sujeito a espelhar em outra pessoa ou objeto seus próprios desejos, cuja origem é desconhecida pelo mesmo. Laplanche e Pontalis (2001) definem que o termo em psicanálise se refere ao ato do indivíduo expulsar qualidades, desejos e sentimentos próprios que recusa em si, assim localizando-os no outro. Os autores destacam que posteriormente Freud passou a utilizar o termo como sendo normal e não patológico, ocorrendo por exemplo com frequência nas superstições.

Já na psicologia junguiana a projeção é essencialmente uma tendência natural e inerente ao humano, desse modo não se tratando de um fator patológico. O fenômeno se manifesta de modo involuntário e sem influência da consciência, de modo que a pessoa não é capaz de impedir e nem mesmo saber a princípio o que está acontecendo. A manifestação ocorre quando conteúdos inconscientes de um sujeito ou grupo se mostram a ele de maneira que pareça pertencer a outro indivíduo, objeto ou grupo, o que acontece em decorrência da negação dos próprios conteúdos inconscientes, que, não sendo aceitos, são depositados sobre o outro. Conteúdos dos complexos possuem autonomia em relação ao ego, e este último tende a negar o que não está sobre seu domínio, fazendo parecer que não pertencem ao indivíduo. Desse modo, como esses conteúdos inconscientes não podem ser integrados diretamente a consciência, se manifestam a princípio por meio da projeção. Ou seja, a projeção ocorre no momento que a consciência não se dá conta que está sob influência do inconsciente (GAMBINI, 1988).

Resta a dúvida: qual o motivo que leva alguns objetos a serem alvos de uma projeção específica enquanto o mesmo não acontece com outros? - o que se esclarece pela necessidade da existência de algo em comum entre o conteúdo inconsciente projetado e o alvo dessa, o objeto. Tal similaridade serve como um elo entre ambos, sendo o objeto um gancho. Gambini ainda elucida o processo da projeção através dos quatro estádios que seguem:

- 1) o mundo externo e interno são vistos como iguais, o inconsciente está fortemente identificado como o que é de fora do sujeito, fenômeno chamado de "participação mística";
- 2) o sujeito percebe uma disparidade entre a projeção e como o objeto realmente se comporta, e então substitui o modelo que tinha por outro mais "fiel";
- 3) a projeção passa a ser vista como erro, como uma ilusão; há, portanto, um julgamento moral sobre a projeção
- 4) homem se

torna consciente do processo da projeção, o aceita como algo natural, há um “reconhecimento da realidade da psique” (GAMBINI, 1988, p. 55).

Zweig e Abrams (1991), chamam a atenção para a abrangência das projeções da sombra na sociedade, sendo seus reflexos notados através de notícias de jornais nas quais pessoas e grupos específicos sofrem violências diversas ao servirem de bode expiatório. Pois, quando práticas socialmente reprováveis são assumidas por um grupo, este se torna alvo de projeções coletivas, que assumem formas de preconceitos como o racismo e a homofobia.

Uma das formas mais notáveis da projeção são as reações violentas, entre as quais se inclui homofobia. Para entendermos a homofobia como um reflexo da projeção ou medo frente a ela, devemos entender que entre as definições da homofobia há aquela partindo do termo, na qual “homo” significa o mesmo e “fobia” medo. Ou seja, medo do semelhante, ainda em termos de projeção, medo de si mesmo, entretanto visto no outro, pois o indivíduo nega possuir tais características logo as projeta. Dada a projeção das próprias características, o sujeito tende a ser agressivo, no fundo não com o outro, mas contra suas próprias características rejeitadas. Quanto maior for a negação de parcelas de si mesmo, igualmente será a intensidade da agressividade (BARON; SERBENA, 2015).

Os mesmos autores são objetivos ao dizerem que, partindo dessa definição, a homofobia se trataria de um medo sentido pelo heterossexual, que emana de si mesmo um desejo por outros homens que está reprimido e o sujeito é tocado ao ver essa parcela de si no outro ou em um grupo. Corroborando essa ideia, Samuels (2003) cunhou o conceito de *Mundus imaginalis*, sendo este um nível localizado entre as primeiras percepções dos sentidos e da cognição acerca dos conteúdos inconscientes. Não sendo possível acessar os arquétipos em si, haverá essa experiência na qual imagens inconscientes pressionam a consciência para virem à tona. No nosso caso da homofobia a alma, gritando por ganhar expressão, pode se tornar projeção ao não ser aceita ou suportada. Entretanto o autor fala desse *Mundus imaginalis* dentro de uma análise, logo, sem essa ou outro suporte o indivíduo está mais suscetível a projetar sua alma.

Posto isso fica clara a necessidade de integração desse arquétipo pelo homem para o desenvolvimento de sua personalidade. Walker (1994) defende que ao integrar esse arquétipo - a alma pelo homem e para a mulher o animus - surge um equilíbrio

entre esses aspectos inconsciente que inicialmente é percebido pela consciência como ambivalentes. Desse modo, além dos reflexos negativos externos da projeção há também uma estagnação do desenvolvimento interno, ou seja, ao projetar, o indivíduo se afasta do caminho da individuação.

Há ocorrências em que a projeção ainda pode se manifestar no homem a partir do próprio animus. Sanford (2002) especifica não ser incomum homens heterossexuais, casados, eventualmente terem o desejo por um contato com o órgão masculino, o que seria recorrente com intervalos de tempo. Entretanto não se trataria de homossexualidade, mas de uma tentativa projetiva de religar-se com o Si-mesmo através do falo como simbólico. Essa projeção seria oriunda do sentimento de medo frente a uma excessiva exposição à mulher interior - o que, segundo o autor, ocorre por vínculos disfuncionais com os pais, como falta de amor paterno e ausência materna, ou vínculo possessivo por parte dela.

A projeção da anima ou animus pode levar a conflitos que se apresentem ao indivíduo como irresolúveis. Ao discutir sobre pacientes que sentiam estar frente a conflitos dessa magnitude, Jung e Wilhelm (1971) pontuam que através da integração do arquétipo anima/animus há uma ampliação da consciência através da qual se mostrou ser possível superar tais embates sentidos como insolúveis a princípio, quando o conflito tem origem a partir desse arquétipo. Os autores ainda esclarecem que essa mudança não ocorre por nenhuma lógica racional, mas motivado por uma tendência vital da psiquê que determinados conteúdos venham à tona e sejam considerados, aceitos e trabalhados pela consciência.

Prosseguindo as ideias de Jung supracitadas, elucidemos com um caso que se apresentou em psicoterapia a Storr (1973): um homem de meia idade com altos padrões éticos, em um casamento estabilizado, de repente se vê perdidamente apaixonado por uma jovem, e sente isso como a mais intensa emoção de sua vida. Logo encontra-se perante um dilema aparentemente indissolúvel, pois ficar com ela seria romper com seus padrões ético/morais; optar pela família o faria sentir como se violasse a si mesmo e ainda recairia em inevitável depressão, culparia e iria agredir a família por isso. Em casos como este, a impossibilidade de uma resolução equilibrada de tamanho conflito é o que resta a muitos, pois de acordo com Motta e Paula

(2005, p. 22) “geralmente, é resolvido pela permanência no lar, mantendo-se o homem infeliz, ou pela saída deste, mantendo-o em estado de culpa, isto é, igualmente infeliz”.

Nesse caso cabe lembrar que para Jung e Wilhelm (1971) se o homem tomar consciência que tais desejos são oriundos do inconsciente e têm como meta impulsiona-lo para a individuação, este estará habilitado a desvencilhar-se dos dois conjuntos de emoções e encontrar uma nova saída através da ampliação da consciência. Silveira (1997, p. 41) ainda nos indica que, “desde que os conteúdos do inconsciente sejam confrontados e integrados, dissolvem-se estagnações, removem-se bloqueios e a libido volta a fluir [...]”. Dessa maneira os processos vitais seguem sua progressão natural.

Desse modo, o homem necessita tomar consciência de sua projeção, a diferenciando da mulher real e assim compreender que a natureza dessa paixão desmedida reside em seu próprio inconsciente. E então reconhecerá os conteúdos de sua própria anima que espelhou na jovem; deixando de ter como resposta ao impulso inconsciente o fascínio por uma mulher real, passará a dialogar com sua própria mulher interior, um diálogo arquétipo que reabrirá os caminhos da individuação antes bloqueados pela projeção (MOTTA; PAULA, 2005).

Apesar das projeções partindo do indivíduo serem fortes barreiras ao desenvolvimento do mesmo e ainda causarem conflitos e transtornos sociais das mais complexas ordens, como as diversas formas de violências, há entretanto uma tendência na dinâmica das organizações contemporâneas de hipervalorizarão da racionalidade que acaba por manter e impulsionar o indivíduo para um caminho contrário ao conhecimento de si. O processo de individuação exige um redirecionamento das energias voltadas ao exterior, que objetivam a sustentação de uma persona de eficácia, voltando essa energia para si, para o interior, e com isso atingindo características não de poder, a força, a posse de bens e o desempenho racional, mas de sabedoria, culminando em uma redução dos conflitos internos.

De acordo com Motta e Paula (2005) a dinâmica das organizações comerciais de nosso tempo segue um caminho oposto ao da individuação, pois estimulam a competição, ambições e desejos voltados ao mundo externo. Dizem os autores “Mesmo que já tenham alcançado a maturidade profissional, os indivíduos continuam a sofrer pressões pelo desempenho excelente” (MOTTA; PAULA, 2005, p. 26) - o que

ainda é exacerbado pela contratação de colaboradores mais jovens, numa tentativa desmedida de estimular a produtividade, enquanto o desenvolvimento pessoal exige um retorno a si para que haja antes o autoconhecimento. Desse modo o filme “Um senhor estagiário” da diretora Nancy Meyers elucida com excelência os diversos aspectos dessa ambivalência entre as necessidades vitais da psique e as exigências das organizações contemporâneas.

O filme narra a história de Bem Whittaker, de 70 anos, que é viúvo e está insatisfeito com a vida monótona de aposentado. “Acho que ainda tenho muito a oferecer”, diz ele ao se inscrever em um programa de estagiário Sênior, momento em que volta à ativa, ingressando na loja virtual de moda, fundada e dirigida pela jovem Jules Ostin, com quem desenvolve uma grande amizade. Contudo, ao tentar se enturmar e desenvolver suas funções ao seu ritmo e com a cautela de quem trabalhou toda a vida em uma única empresa, Ben se depara com um verdadeiro choque de gerações: se espera que ele faça rápidas consultas ao computador, gozam, a princípio, de sua pasta, e até de sua organização.

O personagem percebe como contraditório que toda a sua experiência profissional de uma vida não seja valorizada ali, onde tudo precisa ser rápido, inclusive as tomadas de decisões, onde não há tempo para ponderação - o que se explica pela definição do funcionário ideal, que de acordo com Paula e Wood (2002) é ousado, não se satisfaz com o que tem, buscando sempre ultrapassar seu próprio desempenho, e especialmente os dos demais. E o personagem Ben mostrava já ter superado essas projeções das necessidades do ego, e, desse modo, entra em contato com uma realidade e seus conflitos inerentes, os quais já superou.

Portanto, não é incomum que um indivíduo de meia idade, no caso de Ben já na terceira idade, se depare com grandes ambivalências frente as exigências da organização na qual está inserido (MOTTA; PAULA, 2005). No entanto, ao passar do tempo os colegas, estes começam a admirá-lo por certas características: o gozo de seus aspectos, digamos, ultrapassados, nesse meio se torna fascínio. Ben conquista inclusive a confiança da chefe, Jules Ostin, através de sua organização, ao limpar e organizar uma mesa caótica da empresa, onde sua desordem perturbava o funcionamento e Jules em especial, embora nenhum colaborador em meio a velocidade com que desempenhavam suas funções se deu tempo para organizá-la. Logo, Jules e os colegas de Ben passaram a recorrer a ele para tomar decisões

importantes da empresa, devido ao mesmo possuir uma visão mais ampla das coisas e ser capaz de tomar decisões prudentes.

O contraste entre os jovens colegas e Ben que se esclarece quando Motta e Paula (2005) afirmam que a persona, ou seja, a máscara do funcionário ideal, busca a afirmação de seu ego, o que limita um contato mais profundo com o Si-mesmo. No caso de Ben, este se mostra mais distante da busca pela sustentação da persona e mais próximo do Si-mesmo, o que lhe proporciona uma visão mais ampla das situações e demandas da empresa e da vida, u. Uma vez que, ao abandonar os investimentos na persona, o indivíduo desbloqueia o caminho rumo ao Si-mesmo, retirando suas projeções do mundo externo e passando a uma psique mais equilibrada - sendo este o personagem de Bem, procurado pelos jovens colegas não só para auxílios relativos ao trabalho mas também para dar conselhos para a vida pessoal e amorosos.

Nessa análise do filme pode ser percebido como um indivíduo sob menos pressão externa e de si mesmo para ser produtivo pode desempenhar a função daquele que consegue ver além, deixando claro como a exigência da racionalidade constante limita a percepção do mundo e de si, assim como leva os indivíduos a buscarem respostas sempre no exterior - como os colegas de Ben, que passaram a projetar nele uma figura que integra parcelas ignoradas por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O instigante desafio de compreender a natureza humana, sua constituição, motivações ou metas foi sempre motivo de fascínio para diversos pensadores. Na filosofia o sentido da vida e a origem da constituição humana tem sido tema central de diversos teóricos por toda a história do pensamento. Em consonância, constitui tema análogo e complementar o desenvolvimento do ser humano, evolução espiritual ou em termos mais científicos o desenvolvimento da personalidade. Esse segundo desafio constitui antes de mais nada uma necessidade essencialmente humana, encontrando em diferentes épocas e culturas respostas nas mitologias, religiões correntes filosóficas. Com o advento da ciência, a psicologia assume o desafio de tentar dar respostas às lacunas de outrora. Em meio a diversas tentativas de se explicar,

repostas muito distintas surgiram, entretanto, muitas repostas similares podem ser reunidas nas mais diversas épocas e culturas.

Na história do pensamento ocidental, considero Jung sendo um dos mais notáveis pensadores que ousaram desvendar o humano e ainda propôs uma possibilidade clínica para evolução dos indivíduos. O Psicólogo e psiquiatra Carl Gustav Jung não se encaixava na ciência de sua época por sua teoria, que se deu a partir de suas próprias experiências pessoais, extrapolando o espírito científico que se pautava inteiramente na razão. Desse modo, este pensador questionou a legitimidade do dogma da razão em que se pautava a ciência de sua época por acreditar que a ciência precisaria evoluir, questionando a legitimidade da razão para então poder compreender o que estava para além da consciência, a essência humana.

Jung desenvolveu uma teoria complexa e muito abrangente com diversos conceitos, como sombra, arquétipos e o próprio inconsciente coletivo, que fora sua grande descoberta; porém, foi percebendo ao longo do desenvolvimento de sua teoria que tudo isso, as motivações humanas, a defesa do ego como as projeções possuíam ou eram movidas por uma meta vital inerente à psique, seria essa a individuação - termo que na psicologia analítica é sinônimo do autodesenvolvimento do sujeito. Jung não se propõe tratar de uma problemática nova, muito pelo contrário, e nem mesmo afirma serem seus achados muito distintos daqueles encontrados por outras abordagens, embora o autor as considere incompletas ou limitadas pela projeção, sendo elas o cristianismo e a alquimia, como já discutidos nesse trabalho.

Ainda assim, a abordagem do pesquisador é notavelmente inovadora ao partir da noção que ao contrário do que se pensava, os indivíduos não eram “in-divíduos” de fato, mas possuíam parcelas da personalidade com certa autonomia em relação ao eu, havendo inclusive divergências entre o ego e essas parcelas, o que seria a fonte dos conflitos humanos. Desse modo, Jung percebe que para um desenvolvimento da personalidade seria necessário a integração dessas parcelas através de um penoso processo de autoconhecimento, aceitação dessas porções renegadas, dos complexos afetivos e ainda dos arquétipos hereditários que nunca estiveram na consciência, processo esse que intitulou “Individuação”.

A individuação é uma tendência natural da psiquê, pois corresponde aos impulsos do inconsciente coletivo que gritam para tomarem expressão na consciência. Contudo, Jung adverte que esses impulsos vão se tornando mais fortes com o avanço

da idade. Destaco ainda que a individuação não é um ponto de chegada, mas um caminho no qual alguns vão mais longe e a maioria não atinge grandes avanços, permanecendo esses últimos mais ajustados ao mundo externo e, como consequência, continuam com grandes conflitos pessoais.

Para aqueles que ousam assumir conscientemente seu processo de individuação e mergulhar fundo nessa busca, Jung adverte sobre os riscos de uma imersão no inconsciente coletivo levar o ego a sucumbir ao mesmo, destacando a relevância de o indivíduo possuir uma experiência bem alicerçada no mundo exterior. Ele próprio relata ter sido sua mais penosa experiência e ter nesses momentos se apegado à família, às atividades externas, para dar conta de ir e voltar do inconsciente sem que seu Ego fosse engolido.

O ego sente como se fosse o centro da psique total quando na verdade é apenas uma parcela, a parte estruturada que emergiu do inconsciente na infância e serve de elo entre os mundos exterior e interior. Posto isso, o ego tende a sentir os conteúdos inconscientes como ameaça que podem desestruturá-lo, logo, possui a tendência de defender-se negando conteúdos e impulsos que desconheça. Prontamente, está aí a fonte central das dificuldades postas ao autoconhecimento e conseqüentemente à individuação. Para que a consciência do indivíduo permita esse processo, a racionalidade possui papel crucial, mas não é suficiente sozinha, ela terá justamente que abaixar as cortinas da razão e permitir que a sensibilidade afetiva possa fazer a sua parte ao entrar em contato com esses conteúdos desconhecidos, ao passo que após a tomada de consciência a razão poderá começar a aceitar e organizar esses conteúdos conscientemente. Assim a integração estará em curso e o ego sentirá que não está oposto, nem abaixo do inconsciente, mas se ligará ao Self em uma totalidade, onde não será mais o dono da casa, entretanto, toma parte de algo maior.

Sobre a projeção como defesa do ego, a destaco nesse trabalho como sendo a maior barreira à individuação porque se trata de um fenômeno inerente da natureza humana, e desse modo, não patológico. Ao sentir conteúdos que desconhece e não compreende, o ego projeta essas características no mundo exterior, pessoas, grupo e objetos. Desse modo, enquanto o indivíduo projetar não assumirá seus conteúdos e o árduo trabalho de lidar com esses. O caminho para se assumir tais conteúdos, desfazendo assim as projeções, trata-se de uma abertura ao inconsciente, que não é racional, mas se manifesta através dos afetos, como, por meio dos complexos e

arquétipos; de modo geral é preciso antes sentir esses conteúdos que não podem ser abordados diretamente pela racionalidade. Partindo disso, nos deparamos com um problema próprio de nossas organizações contemporâneas: a supervalorização da racionalidade, a exigência que os indivíduos sejam cada vez mais produtivos, e que os afastam do caminho da individuação. Cria-se, assim, barreiras mais espezas e uma dinâmica propícia às projeções, na qual a velocidade com que se realiza as atividades quando surgem adversidades de origem internas o sujeito logo sente ser mais fácil projetá-las, já que o indivíduo precisa ser veloz e jamais admitir e dar espaço para suas dificuldades pessoais, e desse modo a tarefa de retirada da projeção se torna mais difícil de ser realizada.

Todavia, não podemos deixar de observar que as exigências de nosso tempo vão ao encontro às projeções, a persona de eficácia, a todas essas qualidades exteriores; desse modo, o caminho da individuação colocaria o indivíduo claramente em conflito com todas essas expectativas culturais, conflitos que supomos poder ser superados após um avanço significativo no autodesenvolvimento, como no caso de Ben que se tornou uma referência para os colegas; ainda assim, não podemos afirmar essas recompensas voltados ao exterior. Partindo disso, podemos pontuar que um indivíduo que escolha assumir e se aprofundar em seu processo de individuação necessitará estar muito seguro disso, considerando a divergência com o mundo exterior, e se faz crucial dispor de um auxílio como uma psicoterapia analítica, como já pontuado. Ainda assim, fica a cargo de cada indivíduo decidir se esse caminho realmente é compensatório para si, levando em conta as dificuldades do processo e desvalorização desse pela cultura.

Apesar disso, pelo meu estudo do tema e justamente por minha concepção da atual dinâmica de nossa cultura, considero que sim, que compense e seja de grande importância levar a cabo esse processo. Faço essa afirmação ao considerar que a estagnação do fluxo da individuação, que pode ser mantida pela persistência na projeção, não resulta apenas na sucessão dos conflitos internos do indivíduo, mas pode dificultar cada vez mais a convivência social, já que a projeção leva a medidas agressivas ao impedir cada sujeito de ver o outro real e a si mesmo. Logo, a individuação pode proporcionar uma possibilidade de desenvolvimento da psique individual, além de instigar transformações positivas da convivência em grupo.

REFERÊNCIAS

ARCURI, Irene Pereira Gaeta. Psicoterapia junguiana, calatonia e arte. **Psicologia Revista**, ISSN 1413-4063, v. 18, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/2967>>. Acesso em: 21 set 2017.

BARON, Vicente Mussi; SERBENA, Carlos. A PROJEÇÃO DA SOMBRA NA HOMOFOBIA. In: Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR, VII, 2015, Buenos Aires. **Anais**. Buenos Aires: Facultad de Psicología - Universidad. Disponível em: <<http://www.academica.org/000015/10>>. Acesso em: 21 out 2017.

BYINGTON, Carlos. O conceito de self terapêutico e a interação da transferência defensiva e da transferência criativa no quaternio transferencial. **Revista Junguiana**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 5-18, 1985. Disponível em: <<http://sbpa.org.br/portal/publicacoes/>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

CAMPBELL, Robert J. **Dicionário de psiquiatria**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade**. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personalidade e Crescimento Pessoal**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FIALHO, Francisco; SILVEIRA, Ermelinda Ganem Fernandes. Terapia profunda e atratores de segunda ordem. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 113-129, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18065821200900020009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 nov. 2017.

FRANZ, Marie Louise Von. **O processo de Individuação**. In: JUNG, Carl Gustav. O Homem e Seus Símbolos, 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 1959.

FORDHAM, Frieda. **An introduction to Jung's psychology**. 1. ed. Waterfoot: Revival Books, 1968.

FURTADO, Sílsen. **“Decifra-me ou devoro-te” O enigma da alma para a psique masculina.** In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. Jung e o cinema. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2013.

GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio – Os jesuítas e a destruição da alma indígena.** 1. ed. São Paulo: Espaço e tempo, 1988.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, S. Calvin; LINDZEY, Garden; CAMPBELL, B. Jhon. **Teorias da Personalidade.** 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C. G. Jung.** São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1921.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente.** 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1928.

JUNG, Carl Gustav. **Análise de Sonhos.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1928-1930

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1934.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de Psicologia Analítica.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1935.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião oriental.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1938.

JUNG, Carl Gustav. **Interpretação psicológica do Dogma da Trindade.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1942a.

JUNG, Carl Gustav. **O símbolo da transformação na missa.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1942b.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1944.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**. v. 1. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1956.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**, 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 1959.

JUNG, Carl Gustav. **AION Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo**. 2. ed. Rio de Janeiro: VOZES, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 1.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. **The red Book**. 1. ed. W. W. Norton & Company: New York, 2009.

JUNG, Carl Gustav; WILHELM, Richard. **O Segredo da Flor de Ouro. Um livro da vida chinês**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

JUNG, Emma. **Animus e Anima**. Tradução Dante Pignatari. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LUPO, Luca. "Also spricht meine Seele". O Zaratustra de Nietzsche no Livro vermelho de Jung: a verdade como vida entre experiência e experimento. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 83-122, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-82422016000200083&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2017.

LYRA, Sonia Regina. Jung leitor de Nietzsche: Acerca da "morte de Deus". 1. ed. Curitiba: Ichthys, 2012.

MOTTA, Fernando C. Prestes; PAULA, Ana Paula Paes. Meia-idade, individuação e organizações. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 12, n. 34, p. 17-30, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-2302005000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 out. 2017.

PAULA, Ana Paula Paes; WOOD Jr, T. Pop-management. **Revista Ciência Empresarial**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 17-34, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scieloOrg/php/similar.php?lang=en&text=Pop-management>>. Acessado em: 21 out. 2017.

REZENDE, Martha Carneiro. “**A arte pictórica como espelho do animus. Frida Kahlo.**” In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. Jung e o cinema. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAMUELS, Andrew. **Countertransference, the imaginal world, and the politics of the sublime**. [S.l.], The Jung Page, 2003. Disponível em: <http://www.cgjungpage.org>. Acesso em: 14 set. 2017.

SILVEIRA, Nise. **Jung – Vida & Obra**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

STEIN, Murray. **Jung, o Mapa da Alma (Cabral, A.S., Trad.)**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

STORR, Anthony. **As idéias de Jung**. 1. Ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SANFORD, John A. **Os Parceiros Invisíveis**. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2002.

WALKER, Mitchell. **O Duplo: O auxiliar interno de mesmo sexo**. In: DOWNING, Christine. Espelhos do Self. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

ZWEIG, Cnnie; ABRAMS, Jeremiah. **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1991

ANEXOS